

EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA ABERTURA DOS PORTOS

Exposição realizada no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no bairro da Urca, de agosto a novembro de 1908. De caráter nacional, a exposição recebeu nos pavilhões especialmente construídos para a ocasião a delegação de cada um dos estados brasileiros e a representação de diversas instituições ligadas às artes, à ciência, ao comércio, à indústria e à agricultura.

Desde meados do século XIX, exposições universais, e em menor escala nacionais, eram eventos de exaltação da modernidade, caracterizados por gerar à sua volta uma grande mobilização social. Realizadas em grandes cidades da Europa e da América do Norte, essas celebrações do progresso, da ciência e da técnica quase sempre comemoravam também acontecimentos históricos. Uma exposição universal ou nacional podia ser vista como uma espécie de resumo do estágio do progresso humano e das maravilhas da técnica e da ciência na época de sua realização.

Grandes mostras exigiam espaços suntuosos, previamente organizados e limpos. Daí que cada cidade que se candidatava a abrigar esse tipo de evento deveria passar por um processo de intervenção, com a abertura de avenidas, praças, jardins, a construção de palácios, centros, monumentos e pavilhões. No Rio de Janeiro, em 1908, não foi diferente.

A exposição nacional daquele ano foi pensada para celebrar o centenário da Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, assinada em Salvador pelo príncipe regente dom João, segundo informa Varnhagen, por influência direta de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu. A carta régia dispunha sobre o livre comércio e navegação e franqueava os portos brasileiros às nações consideradas amigas. A partir de então, revogaram-se as disposições mercantilistas ultramarinas, base do monopólio que atava comercialmente o Brasil a Portugal, o que significou o fim do “antigo sistema colonial”, na expressão cara a Fernando Novais.

Para que a República pudesse transformar em celebração fato intimamente ligado ao regime que derrubara em 1889, foi preciso atribuir ao acontecimento o significado de momento

inaugural do processo de emancipação econômica do país e de sua entrada no universo da livre iniciativa. Era como se o peso do fato bruto transcendesse a esfera das circunstâncias políticas em um ambiente em que se respirava certa neutralidade interpretativa, e por que não dizer científica, a qual permitiu, inclusive, a boa acolhida da monumental obra *D. João VI no Brasil*, de Oliveira Lima, também lançada em 1908.

Fruto mesmo da consolidação do regime republicano, uma tal celebração seria impensável dez anos antes, quando aglomerações, protestos de rua, jornadas jacobinas e quebra-quebras agitavam o Rio de Janeiro. Concebida num momento de tranquilidade política, nos primeiros anos do governo de Afonso Pena, a Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos visava, por outro lado, algo além do elogio à efeméride.

Era aquele o momento de expor aos olhos da nação o quanto de avanços conseguira a República. Havia algo de prestação de contas naquele conteúdo de propaganda do regime republicano, que se evidenciava no pavilhão destinado à apresentação das reformas por que passava a capital federal, o Rio de Janeiro. Tampuco se pode esquecer dos pavilhões destinados aos institutos de ciência, do Jardim Botânico, também celebrando seus cem anos de existência, e do Instituto Osvaldo Cruz, que surgia aos olhos de todos como responsável pela heróica façanha de, no ano anterior, ter conseguido erradicar a febre amarela no Rio de Janeiro.

A Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, por outro lado, segundo Alda Heizer, constituiu-se como um espaço de exclusão, fruto mesmo do modo como o Brasil dispunha suas hierarquias sociais na época. Havia regras de etiqueta a serem seguidas pelo visitante, assim como trajes proibidos. A exposição de 1908, na Urca, não era, de fato, um ambiente para qualquer um e, longe de ser um espaço democrático, reerguia antigas barreiras, impedindo o acesso de homens e mulheres das camadas inferiores e dos extratos mais baixos da sociedade carioca, aqueles novos personagens que, segundo Heizer, “surgiam no cenário urbano e se traduziam numa ameaça à ordem”.

A exposição de 1908 foi concebida também como um ensaio para a participação brasileira na Exposição Universal de Bruxelas, programada para 1910, e para a organização da

Exposição Universal de 1922, a se realizar no Rio de Janeiro como evento máximo das celebrações do Centenário da Independência do país.

Eduardo Junqueira

FONTES: ARAGÃO, A. *Manguinhos*; HEIZER, A. *Jardim Botânico*; LIMA, M. D. *João VI*; NOVAIS, F. *Portugal*; VARNHAGEN, F. *História*.